

RESUMO

Especialização em Educação Física Escolar
Programa de Pós-Graduação
Universidade Federal de Santa Maria

PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DAS INDISCIPLINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Autora: Márcia Simone da Silva Bordin
Orientador: Prof. Dr. Rosalvo Luis Sawitzki

O presente trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação (PPG) do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria. O tema desta investigação é a indisciplina, (e indiretamente os conflitos e as violências) nas aulas de Educação Física. O objetivo desta pesquisa foi investigar quais são as contribuições da prática pedagógica dos professores de Educação Física frente às indisciplinas nas instituições de ensino e qual o tratamento dado a estas situações. O tipo de pesquisa utilizado foi o Estudo de Caso, com abordagem qualitativa. Os instrumentos de investigação foram: a observação direta (um semestre) e pesquisa bibliográfica sobre a temática. Os participantes da pesquisa foram uma professora de Educação Física e uma turma de alunos do quinto ano com as quais ela trabalha em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Santa Maria-RS. O aporte teórico utilizado foi: Estrela (1994), Vasconcellos (1995), Guimarães (1996), Passos (1996), Bracht (1997), Weinberg; Gould (2001), Assis (2003), De Vries & Zan (2003), Vinha (2003), Gressler (2004), Chizzotti (2006), Mazzotti (2006), Dani (2008), Garcia (2008), Kauark (2008), Scriptori (2008), Tognetta e Vinha (2008), Xavier (2008). Com base na análise dos dados, observou-se que uma possibilidade de administrar as indisciplinas e os conflitos para que não se tornem violências é por meio do diálogo com os envolvidos. No entanto, é pertinente que se intensifique o trabalho pedagógico na prevenção destas situações, no resgate dos valores e na participação da família na escola. Também poderiam ser mais valorizados os sentimentos dos alunos bem como sua participação e reflexão destes em tudo que lhe diz respeito.

Palavras-chave: indisciplinas, educação física, conflitos, violências, escola.

Introdução

Esta pesquisa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal de Santa Maria, faz parte do requisito para a obtenção do grau de Especialista em Educação Física Escolar e tem como tema central a prática pedagógica dos professores de Educação Física frente às indisciplinas nas aulas de Educação Física.

Nesse estudo, fizemos uma reflexão acerca destes fenômenos comumente manifestos em algumas escolas e que geram sentimentos de insegurança e impotência em grande parte dos educadores, por não saberem lidar com tais situações. Diante disso, investigamos, através de estudo de caso, quais são as contribuições da prática pedagógica dos professores de Educação Física frente às situações de indisciplina nas instituições de ensino e qual o tratamento dado a estas situações pelos professores.

Além disso, esta pesquisa traz uma discussão sobre como professores de Educação Física podem administrar as situações cotidianas entre alunos evitando que as indisciplinas e os conflitos transformem-se em violências. Para tanto, foi necessário distinguir os conceitos de indisciplina e de conflitos a fim de contextualizá-los adequadamente. Não é o objetivo encontrar “receitas”, manuais com instruções prontas para serem trabalhadas, mas reflexões sobre a prática pedagógica dos profissionais da Educação Física e suas contribuições para evitar e/ou minimizar as indisciplinas nas aulas de Educação Física.

A motivação para pesquisar essa temática surgiu no início da minha formação acadêmica, no primeiro semestre da graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, em agosto de 2005. A inserção no grupo de pesquisa que investigava os conflitos e as violências na escola e a participação em projetos de pesquisa e extensão possibilitou-me maior contato com a realidade escolar e tornou-me inquieta e atenta diante destas situações desafiadoras para os educadores, que muitas vezes, não são preparados (nos cursos de licenciatura) ou não se sentem preparados para lidar com esses “problemas”.

A pesquisa que desenvolvemos como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em agosto de 2009, também me motivou a dar continuidade nos estudos sobre as violências na escola. Intitulada “A relevância do lúdico na aprendizagem”, a pesquisa revelou importantes conexões entre a disciplina de Educação Física e a ludicidade, sendo estes dois, agentes minimizadores dos conflitos e das violências na escola. Continuando os estudos sobre as violências, durante o curso de pós-graduação, mestrado em Educação, observei as aulas de uma professora de Educação Física, assim como, três turmas de quinto ano (participantes da pesquisa) para investigar se a forma como são trabalhados os condicionantes da relação pedagógica, em sala de aula, favorece ou não o enfrentamento das violências.

Deste estudo, com base na análise dos dados, observei que a prática pedagógica da professora contribuiu, de alguma forma, para o enfrentamento dos conflitos e das violências. Porém, poderiam ser intensificados os trabalhos na valorização dos sentimentos dos alunos e na sua participação na elaboração e na modificação das regras.

Dessa forma, destacamos que utilizamos destas observações também para este estudo de caso, que busca investigar quais são as contribuições da prática pedagógica dos professores de Educação Física frente às situações de indisciplina nas instituições de ensino e qual o tratamento dado a estas situações pelos professores.

Encaminhamentos metodológicos

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental localizada em um bairro de periferia na cidade de Santa Maria - RS. Os participantes desta pesquisa são uma professora de Educação Física e uma turma de alunos do quinto ano.

Os instrumentos de investigação utilizados para a coleta de dados foram: a observação direta (um semestre) e a pesquisa bibliográfica sobre a temática. O tipo de pesquisa que utilizei foi o Estudo de Caso com abordagem qualitativa, pois, estes, através da possibilidade do uso de múltiplas fontes de dados, oportunizam uma visão holística do fenômeno estudado. Para Mazzotti (2006), o importante é que haja critérios explícitos para a seleção do caso e que este seja realmente um “caso”, isto é, uma situação complexa e/ou intrigante, cuja relevância justifique o esforço de compreensão.

Além disso, na abordagem qualitativa todas as partes envolvidas na investigação estão relacionadas e interligadas entre si: sujeito e objeto, objetivos e subjetividades, assim como, o conhecimento não é tratado de forma isolada, mas inserido num contexto. Nesta abordagem, o pesquisador não é neutro, ele faz parte do processo, atribuindo significados e interpretando os fenômenos observados. Tendo em vista todas as contribuições da abordagem qualitativa, devido as suas características, justifico a escolha desta metodologia que orientou este estudo.

Marco teórico

Muito se discute em todos os âmbitos da sociedade sobre conflitos e indisciplinas na escola. Algumas vezes até são confundidos os seus significados levando ao equívoco de se pensar que são palavras sinônimas. Disto decorrem sérias consequências, que vão desde o tratamento inadequado a tais situações, até a banalização das mesmas.

O entendimento de cada termo individualmente é imprescindível, pois facilita a compreensão do entrelaçamento dos principais conceitos utilizados nesta pesquisa: indisciplina e conflitos, para a partir destes, refletirmos sobre o tratamento que lhes é dispensado pelos professores de Educação Física. É de suma importância saber diferenciá-los a fim de reconhecê-los, interpretá-los e buscar alternativas adequadas e justas em suas resoluções.

Segundo Houaiss (2004), indisciplina significa desobediência; insubordinação (p. 412). Assim como a tese precisa ser compreendida a partir de sua antítese, é interessante também compreendermos a disciplina para, a partir desta, deixarmos cristalino o significado de indisciplina.

O termo disciplina [...] tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra. [...] O conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas (ESTRELA, 1994, p. 15).

No contexto escolar, indisciplina significa então a inobservância do aluno àquilo que está prescrito no regimento da escola. Por exemplo: se o uso de uniforme na escola é obrigatório segundo o regimento da escola, e o aluno ignora esta norma e transgride-a, está sendo indisciplinado. Esse ato indisciplinado pode gerar um conflito, que, dependendo da estratégia para a sua resolução, pode transformar-se em violência ou não.

Daí a necessidade de o educador compreender o que é a indisciplina e como ela se manifesta. Mais do que isso, aprender a lidar com ela.

O que nos impede de avançar na busca de novas formas de organização, novas formas de pensamento, novas formas de transmissão de conhecimentos? Até quando nós, professores, continuaremos temendo a indisciplina, desobrigando-nos com isso da tarefa de enfrentá-la criativamente? (PASSOS, 1996, p. 127).

Enfrentar a indisciplina na escola é hoje uma das tarefas mais desafiadoras para os docentes. Eles, muitas vezes, não foram ou não se sentem preparados para lidar com essas situações delicadas e ao mesmo tempo complexas.

Segundo Estrela (1994), “a indisciplina constitui hoje, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola de hoje enfrenta em todos os países industrializados (p. 97). No entanto, Garcia (2008), percebe a indisciplina como positiva no sentido de “tensionar” a comunidade docente para desacomodar-se, desinstalar-se em busca de uma transformação local (na escola) e geral (na educação).

A indisciplina, talvez de um modo criativo e paradoxal, tornou-se uma fonte singular de motivação para a reflexão e mudança nas escolas. As tensões derivadas da ausência progressiva, declarada por professores, de disciplina e respeito, acabam por exercer um inesperado papel de inspirar revisões nas posições, valores, projetos e intenções, e em diversos pressupostos e racionalidades que vêm informando e influenciando as práticas pedagógicas há diversas décadas ou talvez séculos. A indisciplina, portanto, torna-se produtiva ao promover o desejo por uma outra escola, por uma outra educação (GARCIA, 2008, p. 63).

Garcia (2008) possui uma visão otimista em relação à indisciplina, pois a percebe como elemento favorável às transformações educacionais. Ela seria então útil a estes objetivos. Mas essa visão da indisciplina não é um consenso. Pelo contrário, muitos educadores esforçam-se em evitá-la, minimizá-la ou até mesmo, achar “culpados” ou “responsáveis” por ela.

Para Vasconcellos (1995), as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno. [...] Evidentemente, enquanto determinação mais geral entendemos que a raiz do problema encontra-se na atual forma de organização da sociedade, base de todas as outras indisciplinas. Ocorre, entretanto, que esta determinação mais geral não se concretiza por si só, qual seja, ela é concretizada pela mediação dos diferentes agentes (professores, pais, alunos, diretores, governantes, etc.). Esta tomada de consciência abre espaço para a luta, a resistência, a busca de uma contra-determinação (p. 55).

É pertinente a reflexão acerca dos alunos “indisciplinados” que demonstram comportamento “indesejado” em uma disciplina e em outra não. Que elementos estariam determinando tal comportamento?

[...] Da mesma forma, podemos questionar: existiria aluno indisciplinado “em si”? E o aluno que é indisciplinado com um professor e não com outro? Como se explica isto? Na verdade, as relações é que se tornam “indisciplinadas”. De fato, a situação do professor e da sala de aula não está nada fácil; não se pode deixar de reconhecer isto. Mas daí a chegar a jogar toda responsabilidade no aluno ou na família, há uma grande distância (VASCONCELLOS, 1995, p. 69).

Quando o aluno manifesta resistências ou rebeldias, freqüentemente ela está nos enviando uma mensagem de que algo não está bem com ela. Está chamando a atenção para algo que precisa ser notado e trabalhado urgentemente, é quase um pedido de socorro.

Geralmente não se busca compreender de fato o que está acontecendo na escola que justifique tal comportamento no aluno. Buscam-se, geralmente, as causas fora da escola, eximindo-a de toda e qualquer responsabilidade pelo fato. No entanto,

A indisciplina fala à escola sobre as relações que ali se desenvolvem, sobre o currículo, sobre as práticas pedagógicas. Suas expressões apontam diversas lacunas a considerar. A indisciplina produz uma inquietude que deveria nos tornar mais dispostos a perceber e transformar nossas práticas. Sem essa disposição, nas escolas, continuaremos a ver e ouvir as mensagens da indisciplina apenas como inquietude

indesejada, sem, talvez, compreender seus sentidos, suas mensagens. A indisciplina vai muito provavelmente persistir nas escolas, talvez até que tenhamos aprendido a reconhecer as necessidades sobre as quais ela tenta nos fazer refletir (GARCIA, 2008, p. 73).

Esse “grito de alerta” que a indisciplina traduz sugere reflexão acerca do que precisa ser mudado na escola, no currículo, na sala de aula, no planejamento do professor. Quem sabe estes não estão alcançando a realidade, nem atendendo as necessidades dos alunos? E o que fazemos quanto a isso? Culpabilizamos o aluno e o castigamos.

Na escola onde realizamos este estudo de caso, diante de um ato indisciplinado do aluno, encaminha-se ele à direção para fins punitivos: assina-se o caderno, chama-se os pais à escola, retira-se o recreio ou proíbe-se a participação nas aulas de Educação Física, que é o que eles mais gostam. Isso quando não ocorrem julgamentos do tipo: “Ele sempre foi assim, não vai mudar”, “Nem os pais podem com a vida dele”, “Há algum tempo está assim”, “Imagina como será daqui a alguns anos”, “Também, filho de quem é, não poderia ser de outro jeito”, etc.

[...] Podemos dizer que não é, portanto, o meio, tido muitas vezes como o vilão da história, o único causador do fenômeno. Em contrapartida, tampouco podemos afirmar que o fato de que nossas crianças e adolescentes assumam papéis de vítimas ou agressores em suas vidas seja explicado por “nascerem assim” (TOGNETTA E VINHA, 2008, p. 211).

Infelizmente estes comentários cruéis e tirânicos ainda circulam por algumas escolas. Eles acabam rotulando as crianças, excluindo-as e, conseqüentemente, motivando os atos indisciplinados, o que acaba gerando os conflitos e reforçando as violências nas instituições de ensino. No entanto, o que ocorre muitas vezes é uma transferência de responsabilidade. Os pais transferem a responsabilidade de educar seus filhos à escola, e a escola ao Estado, mas infelizmente uma grande parte das escolas não está preparada para lidar com as indisciplinas e as violências que ocorrem entre seus alunos.

Nesta busca incessante por culpados, não descobrem o que realmente está por trás daquela resistência, causando duplo sofrimento à criança. Segundo Bracht (1997), “A questão se complexifica porque sabemos que a educação da sensibilidade ou o afeto é tão importante quanto à cognição na definição do comportamento social (político) dos indivíduos” (p. 9). No entanto, muito pouco se trabalha na escola com a questão dos sentimentos dos alunos.

Para Kauark (2008), o ideal é “sensibilizar em vez de controlar” (p. 96). Vários autores já estão chamando a atenção para a importância e necessidade de os sentimentos serem trabalhados na escola tanto quanto qualquer outro conteúdo. Pois,

Crianças e adultos que têm reconhecidos seus sentimentos já não precisam ‘atacar’ os outros porque, por sua vez, não se sentem atacadas, e sim acolhidas, valorizadas. [...] Costumeiramente, acreditamos que as crianças e mesmo os adolescentes não se sentem humilhados, envergonhados, menosprezados, ameaçados como nós, adultos. Essa não é somente falsa como uma triste constatação: quando assim pensamos, reduzimos nossas crianças a seres não humanizados. Portanto, se queremos que nossos meninos e meninas se sintam valorizados e construam uma estima de si equilibrada, uma das possibilidades é pelo reconhecimento dos sentimentos, não temos dúvida (TOGNETTA E VINHA, 2008, p. 238).

Este trabalho com os sentimentos já deveria estar acontecendo nas escolas, pois sabemos que a criança não é apenas cérebro, intelecto, cognição, mas é também emoção, tem um corpo que sente, que é frágil e é sensível.

Henri Wallon foi um dos pioneiros na questão de ver a criança como um ser integral, como um ser que precisa ser desenvolvido na sua totalidade. Ele trouxe para a sala de aula a

necessidade de se observar e trabalhar não apenas com os conhecimentos técnicos e científicos, mas com a emoção e os sentimentos dos alunos.

Assim, urge que pensemos nas reais necessidades dos alunos: de afeto, de se expressar, de brincar, de se movimentar. Para Bracht (1997) “[...] Destaca-se a partir desta perspectiva, a importância do movimento para o desenvolvimento integral da criança, e este é um dos papéis atribuído à Educação Física” (p. 3). Vasconcellos (1995), afirma que:

Na proposta da escola, deve ser levada em conta a necessidade de atividade do educando. A criança, em fase de crescimento e desenvolvimento, precisa de participação ativa, de movimento. Como pode ser disciplinada, tendo que ficar 4, 5 ou 6 aulas sentada, parada (muitas vezes apenas ouvindo o professor falar). Na medida que as aulas são mais participativas – diálogo, dramatização, trabalho em grupo, pesquisa -, ou que são dadas em salas ambiente, laboratórios, biblioteca, ateliê, ou o simples trabalho no pátio, há maior possibilidade da criança se envolver com o trabalho. É fundamental que se desenvolva um currículo que contemple atividades diversificadas, como por exemplo, aulas de educação artística, trabalhos manuais, teatro, educação física, jogos, excursões, campeonatos, olimpíadas, festivais, exposições, etc. Quando as atividades ficam todas concentradas na sala de aula e na passividade, a probabilidade de indisciplina é bem maior, em função do não atendimento de necessidades básicas da criança (VASCONCELLOS, 1995, p. 63).

Ou seja, as indisciplinas são geradas, muitas vezes, pela própria organização do espaço e das atividades pelo professor. Quando a atividade não é interessante o suficiente para envolver o aluno com efetiva participação, surgem então as resistências, as agressividades, as indisciplinas e os conflitos. Estes, por sua vez, se não forem administrados adequadamente, transformar-se-ão em violências.

Nesse sentido, a organização do trabalho pedagógico do professor é de grande importância, pois, ao selecionar conteúdos e atividades que venham ao encontro das necessidades educativas e formativas dos alunos, contribuirá para que a sala de aula seja um ambiente agradável e favorável às aprendizagens, às relações interpessoais e trocas entre os alunos. Isso tudo evitará, ou pelo menos, minimizará o surgimento das indisciplinas e das violências na sala de aula.

Refletir sobre a prática é necessário, pensar sobre os conflitos e as indisciplinas que surgem na (ou da) prática, também. Neste sentido,

A indisciplina aparece aqui sob todas as formas de conflito que incorporam uma capacidade de resistência dos pequenos grupos e expressam-se quer sob uma aparente submissão, quer através dos excessos de todos os tipos: depredação, pichações, zombarias, riso, ironia, tagarelice (GUIMARÃES, 1996, p. 77).

As indisciplinas e os conflitos nem sempre são acompanhados de violência. No entanto, as violências sempre são acompanhadas de conflitos. Importante destacar que a violência, ao contrário do conflito, jamais terá um aspecto positivo, tampouco contribuirá na formação da personalidade moral das crianças.

Contudo, é importante ter a clareza de que violência nem sempre significa agressão, pois “agressão é o comportamento dirigido ao objetivo de prejudicar ou ferir um outro ser vivo. Para um ato ser considerado agressivo ele deve satisfazer quatro critérios: deve ser um comportamento real, envolver dano ou ferimento, ser dirigido a outro ser vivo e envolver intenção” (WEINBERG; GOULD, 2001, p. 505).

Como o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado, devemos ter muito cuidado com aquilo que estamos produzindo e transmitindo na escola. Certamente não

é somente ela quem vai determinar o comportamento da criança, mas todos os ambientes que ela frequenta: clube, igreja, etc.

Segundo Dani (2008), “a construção da personalidade moral não é uma tarefa solitária que alguém realiza durante seu desenvolvimento. Todo o contexto social, cultural e histórico onde a pessoa vive contribui e influencia nesta construção” (p. 127). Enfim, ela também é o reflexo da comunidade na qual está inserida.

[...] Há um ‘lugar’ onde são equacionadas todas essas explicações (sociais, culturais, biológicas...): na identidade. Em outras palavras, não é o contexto que determina tais condutas agressivas, assim como não é a genética a grande vilã dessa história, e sim como esses meninos e meninas se vêem diante desse meio e constroem suas personalidades integrando tudo aquilo que foram valorizando durante suas vidas, podendo, assim, tornarem-se resilientes. Como se vêem e querem ser vistos, portanto, pode nos levar a explicar o porquê de se comportarem como vítimas e agressores (TOGNETTA; VINHA, 2008, p. 211-212).

Isso não nos isenta, enquanto professores, da atenção e cuidado com os seres em formação que estão sob nossa responsabilidade. Pelo contrário, nos alerta que de alguma forma as crianças querem chamar a atenção de sua presença como alguém de valor que merece reconhecimento, respeito e atenção. E mais, a forma como nós professores a percebemos é de muita importância para ela e vai fazer diferença em sua vida esse “olhar”, que tanto pode ser acusador como pode ser generoso, afetuoso, acolhedor.

Dependendo da qualidade destes vínculos seguirá o processo de descentração de si para o progresso na empatia, na solidariedade, na eticidade. Esses valores adquiridos, em extensão desenvolverão o senso de justiça e este, por sua vez, não permitirá, por exemplo, a criança e o adolescente intimidar seu colega pelo *bullying* (violência psicológica, moral, tanto ou mais grave que a violência física). Aos poucos, em longo prazo, vai-se rompendo este ciclo vicioso.

[...] É aqui que entra o papel do educador como mediador dos prováveis conflitos emergentes, de maneira dialógica, sempre se pautando pelo respeito mútuo e pelos acordos justos. Nesse sentido, sua função é ajudar a criança a se valorizar e a valorizar o outro como pessoa, a desenvolver uma auto-estima positiva, a exercitar bons hábitos de relacionamento social, a identificar, reconhecer e expressar seus próprios sentimentos, a minimizar as expressões agressivas, físicas ou verbais, a compartilhar e cooperar com os outros, e a praticar o respeito mútuo (SCRIPTORI, 2008, p. 26).

Sendo assim, nossas atribuições como educadores são muito grandes. No exercício da nossa função influenciaremos comportamentos, somos formadores de opinião, organizamos e ‘dirigimos’ o espaço onde a criança passa a maior parte do seu dia. Neste lugar de socialização e interação com as demais, ela aprende valores, obedece às regras e partilha uma rotina geralmente imposta por adultos. Disso, muitas vezes, surgem os conflitos e as indisciplinas.

Este estudo nos colocou um grande desafio, que penso, já surgiram algumas “pistas” no decorrer do trabalho. Como são tratadas, pelo professor de Educação Física, as situações de indisciplinas e os conflitos na escola?

Indisciplina nas aulas de Educação Física: e agora professor?

Tendo em vista a necessidade de a criança se movimentar e não ficar “imobilizada” em suas cadeiras, como gostariam alguns professores, é relevante refletirmos não só sobre a importância do movimento, mas sobre a necessidade deste.

O aluno, principalmente dos anos iniciais, tem muita energia e disposição e precisa extravasá-las de alguma forma, por isso o recreio e a aula de Educação Física são os momentos mais esperados pelas crianças. São nestas oportunidades que as crianças conseguem satisfazer uma das suas maiores necessidades: o movimento.

Alguns educadores (não me refiro ao educador físico neste caso) não compreendem isso e exigem que as crianças fiquem praticamente imobilizadas em suas cadeiras enfileiradas durante uma manhã ou tarde inteira. Até para adultos essa é uma exigência difícil de ser atendida, muito mais será para a criança. Isso acaba gerando indisciplinas, resistências e conflitos, quando não violências, pois vai contra a própria natureza da criança, que é o movimentar-se.

Não estou propondo que a Educação Física escolar transforme-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, *mas numa ação pedagógica com ela* (grifo meu). É evidente que não estou abrindo mão da capacidade de abstração e teorização da linguagem escrita e falada, o que seria desconsiderar o simbolismo que caracteriza o homem. Mas a ação pedagógica que se propõe a Educação Física estará sempre impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se (BRACHT, 1997, p. 6)

A Educação Física possibilita maior contato entre as crianças, logo, as relações interpessoais são favorecidas (ou não) através das práticas e jogos coletivos que também ajudam no desenvolvimento da cooperação e no sentimento de solidariedade. Minimiza também o egocentrismo, pois aprende a dividir, esperar sua vez de jogar, obedecer às regras, lidar com os sentimentos de alegria (quando vence) e de frustração (quando perde), isso contribui também para o autocontrole e o desenvolvimento da autonomia.

Quando falo em objeto da Educação Física, refiro - me ao “saber” específico de que trata esta disciplina curricular. [...] Entendo que a especificidade da Educação Física no campo acadêmico é a de que ela se caracteriza, fundamentalmente, como uma prática pedagógica [...]. Então, quando me refiro ao objeto da Educação Física, penso num saber específico, numa tarefa pedagógica específica, cuja transmissão/tematização e/ou realização seria atribuição deste espaço pedagógico que chamamos Educação Física (BRACHT, 1997, p. 1-2).

Com isso, penso que a preocupação da Educação Física vai além dos conteúdos curriculares, das técnicas e da aprendizagem dos esportes. A Educação Física é imprescindível, pois, possibilita à sensibilidade, a interação, a aprendizagem de valores e fortalece assim, as relações interpessoais.

Uma educação crítica no âmbito da Educação Física teria igual preocupação com a educação estética, com a educação da sensibilidade, o que significa dizer “incorporação” não via discurso, e sim via “práticas corporais”, de normas e valores que orientam gostos, preferências, que junto com o entendimento racional determinam a relação dos indivíduos com o mundo (BRACHT, 1997, p. 10)

Nesse sentido, muitas são as contribuições da Educação Física para as relações interpessoais na escola. Ela oportuniza a integração e a socialização entre os colegas, promovendo o desenvolvimento sadio e integral dos alunos.

Feitas as considerações necessárias sobre a importância da disciplina de Educação Física, fica evidente também, a imprescindibilidade da prática pedagógica destes profissionais no enfrentamento das situações conflituais na escola. Para tanto, estes educadores físicos precisam ter discernimento sobre o que são indisciplinas e jamais se eximir da responsabilidade de administrá-los, delegando-os aos diretores, aos orientadores ou aos pais.

A maior parte dos problemas disciplinares que ocorrem numa escola não cabe aos pais resolverem. Era necessário rever todo o conceito de autonomia, disciplina, aprendizagem, o “fazer pedagógico” dos professores, etc. Além disso, ao invés de relatar a “infração” aos pais, primeiramente deveria ser colocado o problema de forma objetiva e descritiva ao maior interessado, o próprio aluno, para ouvir o que ele tem a dizer e quais as propostas que pode apresentar para resolver o mesmo. Dessa forma, no processo de resolução de conflitos e diante de situações de indisciplina, não basta somente fazer regras, que muitas vezes mascara o real problema ou dificuldade. É necessário que procure compreender os motivos, que seja feita uma revisão imparcial e profunda da questão, do contrário, está-se atuando apenas em cima das conseqüências e não na principal causa do mesmo (VINHA, 2003, p. 266).

Segundo Vinha (2003), “A maioria dos problemas de uma classe pertence ao grupo e não somente ao professor, portanto, não cabe apenas ao docente querer resolvê-lo” (p. 256). Tampouco este deve se omitir de seu dever de mediador “terceirizando” a administração dos conflitos, reforçando a violência e a falta de autoridade em sala de aula.

É pertinente que os conflitos e as indisciplinas ocorridas entre os alunos, sejam resolvidas no local onde aconteceram, seja na sala de aula, seja no pátio, preferencialmente pelos envolvidos, pois ninguém melhor do que eles para saber o motivo do conflito, sua conseqüência e a melhor maneira de resolvê-lo.

Os conflitos são ótimas oportunidades para se trabalhar os sentimentos e os valores, através do diálogo franco, da reflexão e da escuta de ambas as partes. Além disso, ao escutar a versão dos alunos e suas próprias sugestões para administrar o problema, o professor já está conferindo a eles certa autonomia, responsabilidade e comprometimento com aquilo que ali estão propondo. Isso vale também para outras situações em sala de aula.

“Por encorajar as crianças a ter responsabilidade em cuidar da própria classe, os professores reduzem sua autoridade e retomam a autoridade moral sobre as crianças, deste modo promovem o desenvolvimento de autorregulação” (DE VRIES & ZAN, 2003, p. 227). Ao mesmo tempo, ao assumirem direitos e deveres para com o grupo, as crianças se tornam ativamente participantes das decisões e se envolverão afetivamente com as atividades da classe. Isso contribuirá na atribuição de sentido àquilo que ela faz e/ou ajuda a fazer.

Se quisermos favorecer o desenvolvimento afetivo é preciso criar na escola um ambiente livre de tensões, em que seja permitido à criança escolher a atividade que quer realizar, decidir sobre a melhor maneira de realizá-la e participar das decisões que orientam a organização da classe. À criança deve ser dada a oportunidade de manifestar livremente seus sentimentos e emoções (ASSIS, 2003, p. 159).

Sendo assim, algumas alternativas para minimizar as indisciplinas são: saber escutar o aluno, observá-lo, dispensar-lhe a atenção necessária para que se sinta valorizado enquanto aluno e também enquanto ser humano. Desenvolver a sensibilidade e o olhar atento a cada estudante diante de si e ter cuidado na seleção das palavras utilizadas seja numa explicação, numa orientação, num aconselhamento ou numa tentativa de resolução de conflitos, são capacidades relevantes para o exercício de educar.

Uma das alternativas para evitar e/ou minimizar certas indisciplinas e frustrações na sala de aula é a prática da escuta e do diálogo. Quando escutada pela professora e colegas, a criança fica emocionalmente envolvida com os acontecimentos que dizem respeito à escola, à sua sala de aula, à sua aprendizagem. Nada mais justo do que a criança refletir, problematizar e participar, (dentro das suas possibilidades e observadas às restrições necessárias) daquilo que diz respeito à formação da sua personalidade moral.

Esta afirmação demonstra a importância de um vínculo de reciprocidade nas relações interpessoais, de sentimentos de afeto, amizade e respeito mútuo. Isso tudo irá contribuir para

a construção do valor de si, para aumentar sua autoestima, aprender a lidar com os sentimentos de alegria e de frustração, aceitar suas limitações e procurar superá-las.

As relações interpessoais irão ajudar a construir a identidade da criança influenciando inclusive na postura desta em relação aos conflitos, às indisciplinas e às violências (vítimas ou vitimizadas).

Num conflito entre pares, é importante que as crianças aprendam que seus sentimentos são importantes e que elas precisam transformá-los em palavras para que o outro saiba e possam também tomar consciência do que não podem fazer. Por isso dizemos às crianças: “diga-lhe com palavras como está se sentindo. Diga-lhe se gostou do que aconteceu”. Quando ajudamos as crianças a manifestar o que sentem, elas tendem a tornar-se autoconfiantes. Da mesma forma, os agressores podem tomar consciência do mal que causaram às suas vítimas e se sensibilizar pelo sentimento do outro (TOGNETTA E VINHA, 2008, p. 237).

Sendo assim, a responsabilidade do professor é ampla e complexa. Em suas atividades, precisa contemplar todas as dimensões que envolvem o ser humano em desenvolvimento: sua aprendizagem, seus sentimentos, suas emoções, suas culturas, suas limitações, seus conflitos internos e externos.

Isso tudo, os colocam em situações delicadas para com aqueles que com ele coabitam e que possuem suas divergências e especificidades. Se o professor não pensar essas questões, estará praticando uma violência contra os seus alunos. Afinal de contas, a omissão do professor também é um tipo de violência.

Através do Projeto de Pesquisa “Os conflitos e os sentimentos presentes na relação pedagógica e seus entrelaçamentos na construção da personalidade moral”, coordenado pela Professora Doutora Lúcia Salete Celich Dani (2010), foram realizadas entrevistas à educadores das escolas estaduais, municipais e particulares na cidade de Santa Maria – RS.

Nesta pesquisa, muitos educadores revelam estar com dificuldades para lidar com situações conflituais dentro das suas salas de aula. Grande parte dos professores tem demonstrado sentimentos de impotência no gerenciamento pacífico dos conflitos escolares. No entanto, este é um aprendizado necessário à prática docente, pois,

Ser ético, na atualidade, passa pelo papel de cidadão assumido por cada indivíduo, como forma de chegar ao objetivo final que é o convívio harmônico entre os seres por meio da capacidade de administrar conflitos, próprios da dinâmica social. Vale lembrar que é harmônico e não homogêneo. E sem dúvida, a escolha de uma alternativa de ação envolve a valoração de possibilidades que, por sua vez, envolve a percepção do certo e do errado, do moral aceitável no(s) grupo(s) do qual este ser faz parte (KAUARK, 2008, p. 72).

Porém, saber administrá-lo é fundamental para que este não venha a tornar-se violência a partir de estratégias equivocadas em sua resolução. Uma das possíveis alternativas para trabalhar com as questões de conflitos e indisciplinas é ressaltar a importância dos valores, pois,

Uma pessoa sem valores definidos fica sujeita a toda a espécie de influências, uma pessoa sem valores claros é uma pessoa dividida, mal consigo própria e com os outros. Na escola, a falta ou a indefinição de valores está na origem das situações conflituais que levam à indisciplina (ESTRELA, 1994, p. 24).

Diante desta constatação fica clara a relevância de um trabalho de construção e/ou resgate de valores para que haja o respeito mútuo e a aceitação do outro e das suas diferenças. Essa tarefa pode ser facilmente aplicada nas aulas de Educação Física, pois estas oportunizam

muitas práticas de jogos e dinâmicas em grupo, onde os estudantes precisam cooperar uns com os outros e trabalhar em equipe e isso os aproxima mais.

É preciso resgatar o compromisso da Educação Básica com o processo humanizador, civilizatório, cultural, das crianças e jovens, pois não se pode esquecer o teor da epígrafe [...]: o ser humano nasce na espécie, não nasce humano – para ser homem precisa ser ensinado pela família, pela escola (XAVIER, 2008, p. 91).

E para tanto, faz-se necessário o entendimento do que é um conflito, do que é uma indisciplina, suas causas e consequências. Afinal, o que é realmente tornar-se humano, se não pelo reconhecimento do outro, o acolhimento da diversidade e da diferença e o respeito por estas?

Considerações finais

Foram muitas as aprendizagens significativas que este estudo de caso nos possibilitou, pois foi além do que buscávamos compreender e também inquietou-nos para novas questões a partir de reflexões acerca da temática. A intenção não foi responder às questões propostas nesta pesquisa, mas problematizá-las, refletir sobre e contribuir com algumas alternativas de trabalho propostas por autores e pesquisadores.

A partir do referencial teórico que utilizamos, concluímos que ideal seria tratar das indisciplinas e dos conflitos diretamente com os envolvidos, preferencialmente escutando suas próprias sugestões de solução. Isso os ajudaria a refletir sobre suas ações evitando possíveis imposições de terceiros. No decorrer do tempo, muito já se avançou neste sentido. No entanto, é preciso pensar alternativas para a resolução dos conflitos e das indisciplinas que superem os encaminhamentos à direção e/ou secretaria.

Quanto às contribuições da prática pedagógica do professor de Educação Física para minimizar e/ou evitar as indisciplinas e os conflitos na escola, muitas são as contribuições, a começar pelas atividades realizadas em grupo, as quais oportunizam a descentração de si, a alteridade, à “obediência” às regras e, principalmente, a solidariedade e a cooperação com o colega e com o grupo. Além disso, a Educação Física, por não possuir um conteúdo fechado, possibilita maior interação entre os colegas, o que favorece as relações interpessoais.

As aprendizagens advindas da prática pedagógica do professor de Educação Física são significativas aos esportes, às técnicas, aos relacionamentos entre os pares e, mais do que isto, à humanização e a sensibilidade dos alunos. Isso tudo, ajuda a evitar e/ou minimizar as indisciplinas e os conflitos na escola.

Como professores de Educação Física podem administrar as situações conflituosas entre alunos evitando que as indisciplinas e os conflitos transformem-se em violência? Segundo os autores utilizados neste referencial teórico, a melhor maneira de administrar as indisciplinas e os conflitos para que não se tornem violências é por meio do diálogo com os envolvidos. Portanto, é pertinente que se faça também um trabalho de prevenção destas situações por meio do resgate dos valores, os quais pais e alunos desenvolvam com prioridade. Atividades que envolvam a participação da família também são importantes, afinal, a educação dos alunos é responsabilidade de muitos agentes educativos: pais, professores, comunidade, etc. Não é apenas responsabilidade do professor, mas também deste.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa**. São Paulo: Pioneira, 2006.

ASSIS, O. Z. M. **A socialização.** In: ASSIS, O. Z. M.; ASSIS, Mucio Camargo de. (Org). **PROEPRE: fundamentos teóricos e prática pedagógica para a Educação Infantil.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2003.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução.** Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2006.

DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. **Criando um ambiente construtivista numa classe.** In: ASSIS, O. Z. M.; ASSIS, Mucio Camargo de. (Org). **PROEPRE: fundamentos teóricos e prática pedagógica para a Educação Infantil.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2003.

ESTRELA, Maria Tereza. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** Portugal: Porto, 1994.

GARCÍA, Xus Martín; PUIG, Josep Maria. **As sete competências básicas para educar em valores.** São Paulo: Summus, 2010.

GRESSLER, Lovi. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios.** São Paulo: Loyola, 2004.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

KAUARK, Fabiana e MUNIZ, Iana. **Motivação no ensino e na aprendizagem: competências e criatividade na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Ed. Wak , 2008.

SCRIPTORI. Carmen Campoy. **Aspectos pedagógicos e práticas escolares para o desenvolvimento da cooperação e da autonomia.** In: CUNHA, Jorge Luiz da.; DANI, Lúcia Salete Celich (Org). **Escola, conflitos e violência.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Estamos em conflitos: eu, comigo e com você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas.** In: CUNHA, Jorge Luiz da.; DANI, Lúcia Salete Celich (Org). **Escola, conflitos e violências.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1995.

VINHA, Telma Pileggi. **Os conflitos interpessoais na relação educativa: problemas a serem resolvidos ou oportunidades de aprendizagem?** In: ASSIS, O. Z. M.; ASSIS, Mucio Camargo de. (Org). **PROEPRE: fundamentos teóricos e prática pedagógica para a Educação Infantil.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2003.

VINHA, Telma Pileggi. **Considerações sobre a elaboração de regras na escola.** In: XAVIER, Maria Luisa M. **Educação Básica - Resgatando espaços de humanização, civilização, aquisição e produção de cultura na escola contemporânea.** In: CUNHA, Jorge Luiz da.; DANI, Lúcia Salete Celich (Org). **Escola, conflitos e violências.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.